

PERCEÇÃO DA COMUNIDADE SOBRE A IMPORTÂNCIA SOCIOAMBIENTAL DO TRABALHO DE CATADORES E DA COOPERATIVA

Bárbara Gonzalez Longo Vilas Boas (Universidade Salvador – UNIFACS), Maria Eulina Silva Barboza Nunes (Universidade Salvador – UNIFACS) e Rafael de Oliveira Rodrigues (Universidade Salvador – UNIFACS).

barbara.vilasboas@hotmail.com, peemvenus@gmail.com e raphael.rodrigues@unifacs.br

RESUMO: Salvador-BA, assim como muitas outras cidades do país, foi atravessada pela colonização (nos mais variados sentidos). Este momento histórico deixou demarcações urbanas e psíquicas que perduram até os dias atuais por meio da colonialidade impulsionada pelo epistemicídio, deslegitimação e negligência. Diante disso, almeja-se, neste estudo, apresentar respostas decoloniais às bases epistêmicas padronizadas pela branquitude, pautando estas ações nos fundamentos do giro decolonial e na EcoSol a partir da autogestão e dos mecanismos essenciais de trabalho.

Palavras-chaves: EcoSol, decolonialidade e autogestão.

INTRODUÇÃO

A Economia Solidária e Popular (que chamaremos neste texto de EcoSol) tornou-se uma pauta de relevância no Brasil no ano de 1990 a partir de uma busca a possíveis mudanças e rearranjos nos processos de desempregabilidade, debilitação e arrasamento do contexto trabalhista. Habitualmente atribuída sua criação ao professor e economista Paul Singer, as discussões feitas na América Latina acerca dessa temática, nos finais do século XX, respaldaram-se na não aceitação do fenômeno econômico enquanto trabalhos informais, além de debater sobre a estruturação do subemprego e organização popular na gestão e administração desses empreendimentos.

A fim de superar as situações de vulnerabilidade e desprovimento dos corpos que trabalham de forma compulsória nas condições supracitadas evidencia-se a EcoSol como um possível favorecimento à redução das injustiças e desigualdades sociais que nasce no seio de

comunidades, tendo como base a ampla participação e a emancipação/liberdade de integrantes. Além de um enfrentamento ao método de produção capitalista, esta organização econômica e administrativa representa um modo democrático, colaborativo e sustentável de exercer a atividade econômica de produção nas mais distintas organizações e empreendimentos.

A conduta autogestionária, como um dos pilares dessa “outra economia”, pode representar uma estratégia opcional para administrar os meios de gestão positivistas. Os princípios da responsabilidade individual e coletiva, cooperação, igualdade, valorização das comunidades e solidariedade surgem como aliados na conjectura de promoção à cidadania. Nas palavras de Paul Singer (em entrevista concedida à Paulo Salles de Oliveira):

Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. [...] É o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários, em que os que desempenham funções responsáveis têm autoridade sobre os outros. (OLIVEIRA, 2008, p. 289).

De modo a localizar e especificar um pouco a chamada EcoSol para o território que nos propusemos a estudar, iremos realizar algumas reflexões, comparações e problematizações desse conceito com a cidade de Salvador, na relacionando-o à ideia de colonialismo e colonialidade.

Salvador constitui-se como uma das cidades com maior população negra fora da África, consequência do alarmante número de povos africanos que emigraram de forma compulsória através do tráfico escravista. A partir deste momento histórico iniciado no século XVI ocorreram inúmeros processos de colonização e colonialidade em que se difundiu um ideal eurocêntrico de “civilidade” que demarcou lugares de subalternização na estrutura de produção do espaço municipal (BONFIM, 2017).

Assim sendo, o presente texto - desdobramento de um projeto de Iniciação Científica¹ - tem como objetivos destacar a importância de construir uma reflexão sócio-

¹ O projeto de Iniciação Científica intitula-se “Diagnóstico, Economia Solidária e Gestão Cooperativista”, e está formalmente vinculado ao Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq, sob o título: Grupo de Pesquisa em Psicologia e Desenvolvimento Social (GPPDS). Link de Acesso: <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1318152233724109>.

histórica a respeito da percepção das comunidades sobre a importância socioambiental deste trabalho nas Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis tendo como referência leituras decoloniais às bases epistêmicas da EcoSol a partir da autogestão e dos mecanismos essenciais de trabalho bem como uma percepção crítica respaldada na contribuição atualizada da Psicologia Comunitária.

A ECONOMIA SOLIDÁRIA A PARTIR DE UMA LEITURA DECOLONIAL

Na história do Brasil o ano de 1822 tem como marco principal o fim do colonialismo como sistema político, porém ainda atualmente vive-se neste país à sombra dos princípios da colonialidade. De acordo com o sociólogo peruano Aníbal Quijano, colonialidade é um padrão de poder criado por colonizadores para controlar a subjetividade dos povos colonizados (QUIJANO, 2008). É esta estratégia ancestral que nos leva - de forma consciente e inconsciente - a ver o mundo e os fenômenos pela ótica eurocêntrica.

As violências do colonialismo teoricamente findado no passado refletem-se na contemporaneidade por meio de fatores como *epistemicídio* - desqualificação das formas de produção de conhecimento do/no continente africano em prol de uma submissão à uma cultura e estética impostas pela branquitude, impossibilitando qualquer forma de ascensão social, econômica e intelectual dos corpos negros -, escravidão mental e o próprio capitalismo que se estabeleceu, fortaleceu e expandiu às custas da exploração da mão de obra de corpos africanos sequestrados de seus locais de origem (PESSANHA, 2018).

O projeto decolonial surge como uma reconfiguração da ideia colonial de padrões hierárquicos globais e uma crítica direta à modernidade dando voz e visibilidade a povos considerados subalternizados. Podemos caracterizar decolonialidade, nas palavras de Nelson Maldonado-Torres, como algo que:

(...) aspira romper com a lógica monológica da modernidade. Pretende fomentar a transmodernidade: um conceito que também deve se entender como um convite ao diálogo e não como um novo universal abstrato imperial. A transmodernidade é um convite a pensar a modernidade/colonialidade de forma crítica, desde posições e de acordo com as múltiplas experiências de sujeitos que sofrem de distintas formas a colonialidade do poder, do saber e do ser. A transmodernidade envolve, pois, uma ética dialógica radical e um cosmopolitismo decolonial crítico” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 162).

O sistema capitalista e seus métodos processuais de servidão podem ser considerados como mantenedores de uma herança que impõe a noção de que negro é sinônimo de escravo, diante disso constatou-se a necessidade de uma leitura decolonial sobre às bases epistêmicas da Economia Solidária pautando esta ação nos fundamentos do giro decolonial e na EcoSol a partir da autogestão e dos mecanismos essenciais de trabalho.

Analisar um fenômeno à luz da decolonialidade carece de desprendimento dos saberes antes adquiridos para aquisição de novos conhecimentos no processo de reaprender. Nesse modo de reconstrução para um novo recurso de aprendizado, fez-se necessário partir do viés propriamente dito do objeto de estudo, buscando uma investigação criteriosa, ou seja, compreender a EcoSol a partir do questionamento dos motivos por qual tais meios alternativos emergem e como emergem, e não apenas, pela compreensão de um modo alternativo para extinguir formações eurocêntricas constituídas no social, bem como para reformular e/ou erradicar a ideologia da colonialidade.

Nessa interpretação, a economia solidária fomenta-se na qualidade de um modelo econômico optativo que possui base na constituição de uma possibilidade nas comunidades periféricas, pautando-se em fundamentos das tradições afro centradas, distinguindo-se das padronizações postas pela colonialidade e questionando a formalização identitária induzidas pela colonialidade da supremacia enquanto potência de poder e de saber por suas imposições a sociedade.

Conforme com o panorama exposto, uma vez em que a EcoSol pode servir como contribuição para a luta social a qual conduz um modo alternativo de economia, assim sendo, e por conseguinte, permissível à produção de uma nova premissa de realidade socioeconômica, sociopolítica e biopsicossocial, essa por sua vez, deverá procurar na decolonialidade a potência de novas configurações que forneçam subsídios para as atualizantes condutas.

De acordo com Aníbal (QUIJANO, 2012, p. 53 *apud* FERNANDES, 2018, p. 09), é possível compreender aportes os quais podem servir como facilitadores para o desenvolvimento no sentido apresentado acima frente ao processo de decolonialidade. Para facilitar nosso entendimento, listamos os principais pontos:

1. Para combater a categorização desigual, a partir da igualdade socioeconômica e política dos sujeitos, regularizando e respeitando as identificações raciais, sexuais e sociais entre as pessoas;
2. Mediante ao primeiro pressuposto apresentado, as pessoas tenderão a serem reproduções de suas próprias escolhas, sendo elas constituídas pela liberdade e autonomia, concomitante com a responsabilidade de colheita frente às consequências das decisões tomadas, enquanto grupos e identidades;
3. O planejamento laboral e a partilha da produção de produtos, por sua vez, deverão ser baseados na reciprocidade;
4. Em relação aos instrumentos e produtos, deverão ser (serem) redistribuídos de modo igualitário;
5. Por fim, tende-se, por organizações sociais, sejam elas, locais, regionais ou nacionais, pautadas na coletividade e no cooperativismo em relação aos meios de produção e autogestão, na busca pela associação direta e ativa no poder autônomo aos direitos dos sujeitos, enquanto sua realidade e existências socioeconômicas, sociopolíticas e como seres biopsicossociais.

Dessa forma, as subvenções apresentadas, são de extrema valia para uma discussão a frente de uma fomentação alternativa mediante a EcoSol, portanto, para que se consolide a emancipação da conduta popular sobre si própria, é necessário produzir meios capazes ao esquema sistemático e hegemônico do capitalismo.

A EcoSol é estruturada a partir de três conjunturas:

- Econômica, é uma forma de exercer funções econômicas acerca da produtividade, propiciar serviços, comercializar, resultantes de renda e consumo mediante a democratização e cooperação da chamada autogestão. Nessa política, não se encontram cargos hierárquicos, mas sim, todas as pessoas envolvidas no empreendimento são prestadoras de serviços e donas, as quais prezam pelo dinamismo aos serviços locais, gerando fonte digna de renda, juntamente com o cuidado socioambiental. Alicerçam as condutas de modo participativo, equitativo e democrático, pela intervenção

do cooperativismo de pensamentos por uma concepção coletiva do contexto laboral.

- Culturalmente, uma concepção de pensamento em vivenciar o mundo em relação a consumo de produtos que não causam malefícios ao meio ambiente e nem de comércio os quais fomentam esse tipo de política. A consumo perpassa nos mais variados contextos, seja em um estabelecimento, em residências e/ou no próprio ambiente laboral. Neste seguimento, no âmbito simbólico, pode-se dizer que haveria modificação de uma perspectiva competitiva de comercialização e de consumo para um arquétipo de colaboração e de sabedoria coletiva, desprendida de egoísmo, através da liberdade de compartilhamento.
- Politicamente, mediante a mobilização comunitária, uma vez em que se batalha por modificações sociais para modos distintos de desenvolvimento econômico que não se pautem pelos estabelecimentos de pequeno e grande porte, muito menos pelos poderes hierárquicos que preconizam as virtudes da solidariedade, do cooperativismo, da manutenção de ações voltadas à valorização dos direitos humanos e a proteção e conservação do meio ambiente. Juntamente por dar voz por meio de reivindicações aos desequilíbrios da comercialização, as injustiças sociopolíticas e produtoras de renda, e aos aparatos relacionados aos direitos humanos e sociais. Esse panorama propicia o confronto ao capitalismo, além de ser beneficiário de políticas públicas que financiam a sua fomentação.

Os pilares supracitados convergem com o princípio da força vital difundido nos saberes africanos que pela circularidade cultural fazem-se presentes nas ruas e becos da capital baiana. As filosofias tradicionais do continente africano compartilham a premissa de que todos os seres comungam de uma mesma energia vital, sendo assim, o “bem” seria tudo aquilo que respeita a integridade deste profundo laço fraterno - para os iorubanos este modo de relacionar-se com o mundo chama-se axé - e o “mal” tudo que ameaça à paz e a sobrevivência deste grande grupo (SIMAS; LOPES, 2021). Assim sendo, é possível afirmar que a EcoSol se alinha à perspectiva de uma existência corresponsável.

Ademais, a EcoSol manifesta-se em organizações conscientes sobre a consumo responsável, por meio do fortalecimento das relações entre meio rural e cidade, entre as

peças que produzem, comercializam e consomem, além de permitir intervenções com base na criticidade e na proatividade desses sujeitos sobre a qualidade de vida, da ingestão de alimentos e do desejo ao conhecimento a respeito dos percursos de aprimoramentos referentes às condutas socioeconômicas.

Os atributos explicitados acima possuem caráter educativo e transformador sobre os paradigmas ideológicos das pessoas, no modo de pensar e agir distante de um molde socioeconômico capitalista. As individualidades das organizações da EcoSol são focadas na autogestão, na sustentabilidade e na democracia, sendo descrito como poder educativo a permissão a eflorescência da solidariedade, da igualdade e da coletividade como virtudes ideológicas. Por coincidência ou não, eis a questão, essas virtudes são exatamente iguais as sugeridas pela psicologia moral nos arcaibouços científicos encontrados. Essas são as prerrogativas interessantes apresentadas pela visão de debates e de enquadramentos que sustentam as estruturas socioeconômicas.

O público-alvo praticante da economia solidária são sujeitos excluídos da sociedade e vulneráveis mediante ao tipo de trabalho exercido, ou seja, pessoas que gerem de modo coletivo o seu próprio meio de trabalho, fomentando a luta por emancipação e liberdade para os empreendimentos econômicos solidários, batalhando pela garantia da reprodução ampla da vida nos âmbitos populares. Desta forma é possível afirmar que a EcoSol se alinha à proposta do giro decolonial, termo cunhado originalmente por Maldonado-Torres e caracteriza-se como um ato de resistência nos campos teóricos, práticos, políticos e epistemológicos a lógica da colonialidade visto que problematiza formas hegemônicas de poder (MALDONADO-TORRES, 2008).

Pode-se perceber que o bem comum é individualizado como um intermédio, como um elo entre a Psicologia Moral e a EcoSol, uma vez em que elas se fomentam como direção para condutas comportamentais no contexto social. Os conhecimentos da Psicologia Moral concebem o bem comum como resultante de um caráter reprodutor ou a ser aprimorado no indivíduo, a qual é propiciada pela integração de valores morais na persona em si. Já o desenvolver do bem comum como atributo da personalidade ética é, de toda maneira, um modo, condicionante de suma importância para consolidação da EcoSol, visto que ocorre como demarcador ao conceito de ser e de agir com os demais sujeitos. O bem comum, permite a garantia das relações interpessoais, a partir de uma estruturação mais ética, recíprocas e que enriquece as comercializações instituídas nessa ideologia. Por fim, o bem

comum pode ser gerador do coletivo equitativo, o qual exerce escolhas a partir da preservação da maioria.

A premissa do autogerir, sendo um dos principais fundamentos da EcoSol, possibilita diretamente a coparticipação de todos os sujeitos integrantes de composições econômicas solidárias, estabelecendo todas as questões referentes ao âmbito socioeconômico. Justamente por essa questão apresentada, a conduta autogestionária é um dos maiores impasses para exercer a EcoSol, visto que não se foi ensinado a população como envolver-se de modo ativo e democrático simultaneamente. Pode-se declarar que os fundamentos da EcoSol, perpassam por uma proposta projetiva educativa que dissemina relações de cooperativismo e coparticipação.

O TRABALHO DE CATAÇÃO NA CIDADE DE SALVADOR-BA, UMA LEITURA INTERSECCIONAL

De acordo com as pesquisas que fundamentam a metodologia deste projeto de pesquisa, os corpos que estão no trabalho compulsório de catação no Brasil se autodeclaram enquanto mulheres, negras e pobres. Mediante uma leitura interseccional destas identidades, pode-se inferir que tais realidades são atravessadas por opressões cisheterossexistas e racistas, já que na maioria das vezes as violências são indissociáveis por serem experimentadas simultaneamente.

Consoante com Carla Akotirene em seu livro “Interseccionalidade” para debruçar-se em análises interseccionais sobre quaisquer fenômenos é preciso compreender o cisheteropatriarcado, capitalismo e racismo coexistindo como modeladores de subjetividades desde a colonização até a colonialidade salientando sempre que não existe hierarquia de opressão dado que raça informa sobre classe e classe pode dizer sobre raça (AKOTIRENE, 2019).

Deste modo, foram construídas perguntas disparadoras para serem lançadas as comunidades a fim de analisar as percepções sobre quais condições atravessam estes corpos e a quais perspectivas são interpretados a partir da escuta qualificada, além de colher dados que comprovam ou refutam as suposições apresentadas, bem como pensar intervenções voltadas aos resultados obtidos, são elas:

- O que se sabe por coleta seletiva?
- Como se entende a catação de materiais recicláveis como um trabalho?
- Qual a sua percepção sobre a possibilidade de inexistência dessa classe trabalhadora?
- Acredita que é possível a raça demarcar a posição social e laboral de alguém?
- Acredita que o racismo influencia no olhar a essa profissão?

Após as suposições salientadas, evidencia-se as correlações entre as limitações da EcoSol enquanto caminho alternativo para o capitalismo global, refere-se a tratativa de “buen vivir” de Quijano (2012) perante a premissa decolonialidade, formulando concepções relevantes para lutas sociais latino-americanas enraizadas e orientadas pelos pressupostos análogos a EcoSol e a ao processo decolonial.

De acordo com Quijano (QUIJANO, 2012, p. 46 *apud* FERNANDES, 2018, p. 08), “buen vivir” é capaz de ser categorizado por “(...) complexo de práticas sociais orientadas para a produção democrática de uma sociedade democrática, um outro modo de existência social, com seu próprio e específico horizonte histórico de sentido” radicalmente contrários e “alternativos à colonialidade global do poder”. Sendo assim, como uma concepção de luta social frente a EcoSol, possui base na constituição de uma possibilidade nas comunidades periféricas na cidade, distinguindo-se das padronizações postas pela colonialidade, no passado, que se faz presente pela realidade atual pautada no eurocentrismo da potência globalizada. Dessa forma, recorrer a EcoSol, como regimento de um modelo econômico optativo, permite, necessariamente, o senso crítico sob a decolonialidade como supremacia nessa luta.

Diante do respaldo oriundo do arcabouço científico, era desejoso de ter ido a campo para compreender a dicotomia entre a discussão teórica e conceitual sobre o potencial emancipatório e prático do trabalho com catação a partir das experiências. Devido ao cenário pandêmico da COVID-19, a consolidação das práticas tornaram-se inviáveis por conta do alto grau de contaminação pelo manuseio de resíduos e rejeitos, que mesmo antes do coronavírus já existia, sendo matéria prima focal no contexto mensurado; exposição permissível ao comprometimento da saúde de pessoas envolvidas no projeto de pesquisa,

como enfatizado nos conhecimentos mais atuais ² no qual refere-se a realidade do trabalho da triagem e coleta seletiva de materiais recicláveis através do manejo por múltiplos sujeitos, ocasiona na permanência viral ativa, aumentando o risco de contágio em até nove dias, tornando mais suscetíveis e vulneráveis ao risco devidos aos caracteres explicitados.

Entretanto, mesmo com as adversidades mencionadas, uma pergunta evidencia uma reflexão: como fazer a EcoSol, sendo um meio de produção anticapitalista e racista, se o capitalismo é racista?

Esperamos que, tão logo possamos retornar à presencialidade com segurança sanitária, esses questionamentos possam ser colocados e problematizados junto às catadoras de materiais recicláveis.

² Cf. VAN DOREMALEN, Neeltje; BUSHMAKER, Trenton; MORRIS, Dylan H. (*et al*). Persistence of Coronaviruses on Inanimate Surfaces and Their Inactivation With Biocidal Agents. **Journal of Hospital Infection**, n° 104, 2020. Disponível em: <<https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.09.20033217v2>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALVES, Jean Carlos Machado *et al.* Economia Solidária e a dimensão cognitiva da experiência dos catadores. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 21, n. 1, p. 125-140, mar. 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122020000100125&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de abril de 2021.
- BONFIM, Cibele Moreira Nobre. **Direito à Cidade e Negritude**, 2017.
- FERNANDES, Bruno Siqueira e DINIZ, Sibelle Cornélio. Economia popular, des/colonialidade do poder e economia solidária: notas para um debate latino-americano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais [online]**. 2018, v. 20, n. 02 [Acessado 1 setembro 2021], p. 254-268. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2018v20n2p254>.
- LOPES, Nei e SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. Editora Civilização Brasileira — 3 ed. — Rio de Janeiro, 2021.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula Rasa**, n. 9, 2008, p. 61-72.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. Entrevista com Paul Singer. **Rev. Estudos Avançados**. vol. 22, n. 62. São Paulo. jan./abr. de 2008, p. 289-314. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000100020>.
- PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & epistemicídio: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo**. 2018. 98 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, 2008, p. 9-31.
- SANTOS, Joelma Cristina; OLIVEIRA, Benedito Anselmo Martins de. Possibilidades Para A Psicologia Na Economia Solidária: Atuação Numa Itcp. **Rev. Psicologia & Sociedade [online]**. 2015, v. 27, n. 2 [Acessado 9 setembro 2021], p. 372-382. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p372>.
- VAN DOREMALEN, Neeltje; BUSHMAKER, Trenton; MORRIS, Dylan H. (*et al.*). Persistence of Coronaviruses on Inanimate Surfaces and Their Inactivation With Biocidal Agents. **Journal of Hospital Infection**, nº 104, 2020. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.09.20033217v2>.